

Os efeitos da mudança linguística no aprendizado da escrita por jovens e adultos: Uma análise da não grafia de <r> em final de palavra

The consequences of linguistic change on adult literacy: An analysis concerning the misspelling of <r> and rhotic deletion

Lucas Benamor Martins da Silva¹ 

Carolina Ribeiro Serra² 

Marcelo Alexandre Lopes Melo³ 

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Email: luc.benamor@letras.ufrj.br

Email: carolinaserra@letras.ufrj.br

Email: malmelo.lopes@letras.ufrj.br

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editoras convidadas

Manuella Carnaval e
Carolina Gomes da Silva

Recebido: 05/06/2025

Aceito: 05/11/2025

Como citar: MARTINS, Lucas Benamor da Silva; SERRA, Carolina Ribeiro; MELO, Marcelo Alexandre Lopes. Os efeitos da mudança linguística no aprendizado da escrita por jovens e adultos: Uma análise da não grafia de <r> em final de palavra. *Revista Diadorim*, v.27, n.3, e68662, 2025. DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n3a68662

Resumo

Esta pesquisa se volta ao estudo da (não) grafia do grafema <r> em contexto de coda final de palavra — “morar ~ mora”; “interior ~ interio” — em produções escritas de 35 alunos da EJA (Educação para Jovens e Adultos) de uma escola pública no Rio de Janeiro (RJ). Parte-se do princípio de que os adultos, ao longo do aprendizado da escrita, recorrem ao conhecimento fonológico que possuem sobre a língua materna, assim como fazem as crianças (Cagliari, 1996; Ferreiro & Teberosky, 1986). Nesse sentido, entende-se que o avanço do cancelamento do rótico em final de palavra na fala adulta Brasil afora (Cardoso *et al.* 2014) tem impacto sobre as ocorrências de não grafia durante o período de alfabetização/letramento, de maneira que os dois fenômenos compartilhem condicionamentos semelhantes. Lançando mão das premissas da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) e da

Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov 1994, 2001), investigamos a atuação de fatores tanto estruturais quanto sociais. Após a análise qualiquantitativa dos dados recolhidos, observamos que a não grafia ocorre em 21,4% de 551 verbos e em 10% de 150 não verbos. Ao separar os alunos da EJA em três grupos com base no histórico de escolaridade e letramento de cada um, não surpreendentemente, descobrimos que o grupo iniciante é responsável pelos percentuais mais altos de não grafia — 36,1% em verbos e 28,6% em não verbos —, seguido do grupo intermediário — 18,5% e 5% respectivamente — e, por fim, do grupo avançado — 15,8% em verbos e nenhuma ocorrência em não verbos. Grosso modo, o histórico de escolaridade e letramento, a classe morfológica e o tipo de atividade se revelam as variáveis mais influentes no fenômeno investigado, enquanto a dimensão do vocábulo, a região de origem e o sexo possuem uma influência relativamente limitada ao grupo iniciante.

Palavras-chave:

Fonologia; Grafia e não grafia do rótico; Aprendizagem da escrita; Consciência fonológica.

Abstract

This research analyzes the circumstances whereby the R in final coda position becomes absent in the writing of students enrolled in a federal public school in Rio de Janeiro (RJ). There are 35 students that agreed to participate in this research, all of whom did not have the opportunity to go to school at the appropriate age and now undergo the EJA (Educação para Jovens e Adultos)¹ education segment in Brazil. It is our understanding that their learning process of how to write is heavily influenced by the phonological knowledge they possess regarding their own mother tongue — similarly to children (Cagliari, 1996; Ferreiro & Teberosky, 1986). Thus, the absence of R as in “morar ~ mora”, and “interior ~ interio”, is possibly related to the rhotic deletion in Brazilian Portuguese adult speech (Cardoso *et al.* 2014). This research aligns itself to the principles of Educational Linguistics (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) and the Language Variation and Change Theory (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994, 2001) and therefore concerns itself with social factors influence on linguistic phenomena as much as with that of structural factors. A qualiquantitative analysis of the collected data has resulted in the following: i) the absence of R occurs in 21,4% of the 551 verbs and 10% of the 150 non verbs; ii) after dividing the students in three groups concerning their educational background, we observed, as expected, that the absence of R is most frequent in the initiate group, followed by the intermediate group, and then by the advanced group, in whose texts there is no absence cases among non verbs. The educational backgrou-

¹ Education for Adults and Young Adults — our translation.

nd, the word class, and the text genre are the most influential factors on the investigated phenomenon, whereas the factors word dimension, region of origin and sex possess a relatively limited influence, affecting mostly the initiate group.

Keywords:

Phonology; Absence and non absence of R; Written Language Learning; Phonological awareness.

Introdução

No estudo de viés piagetiano de Ferreiro e Teberosky (1986), propõe-se que o indivíduo é ativo no próprio aprendizado do sistema alfabético e dos demais componentes da modalidade escrita da própria língua. Segundo as autoras, o escrevente em formação está constantemente estipulando, refutando e reformulando hipóteses, a fim de compreender o conteúdo a que é apresentado e com que interage. Conforme explicam, a ocorrência de “erros”, em vez de denunciarem alguma deficiência ou falha, representa uma etapa inevitável ao longo do processo de aprendizagem da escrita.

Além disso, não é incomum que a produção de formas desviantes das normas ortográficas em textos redigidos esteja relacionada ao conhecimento fonológico que o escrevente em formação possui acerca da própria fala e da variedade de língua que predomina na comunidade de que ele faz parte (Oliveira, 2005). De fato, a produção de tais formas é frequentemente propiciada pela influência de fenômenos de variação e mudança altamente difundidos na modalidade falada da língua, os quais interferem tanto na decodificação quanto na elaboração de textos escritos durante a alfabetização e letramento dos alunos em sala de aula (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005; Cagliari, 1996; Mollica, 2016).

Dentre os fenômenos de variação e mudança que compõem e caracterizam o português brasileiro (doravante, PB) e que podem interferir no aprendizado da escrita, confere-se destaque neste artigo ao apagamento do rótico, que tem sido, desde a década de 1980, objeto de interesse de inúmeros estudos sociolinguísticos (Callou, 1987; Melo & Gomes, 2018; Monaretto, 2002, 2010; Oliveira, 1983; Serra & Callou, 2013, 2015; entre outros). Grosso modo, a vasta literatura concorda que o apagamento se trata de um processo fonético-fonológico em contínua expansão no PB (CARDOSO et al., 2014), cuja ocorrência é praticamente categórica Brasil afora em contexto de coda silábica final de vocábulos verbais, conforme ilustrado em 1 e 2, a seguir.

1. “Ah, venha... vem *busca[Ø]*.” (dado de Curitiba, PR, retirado de Santana, 2017, p. 50)

2. “Às vezes, vou para casa *almoça*[Ø], às vezes não” (dado de Natal, RN, retirado de Callou, Serra & Cunha, 2015, p. 203)

Em vista de tudo isso, elencamos os seguintes objetivos de investigação: i) identificar o percentual de ocorrência do fenômeno de não grafia do grafema <r> durante o período de alfabetização e letramento de jovens e adultos e ii) avaliar em que medida esse fenômeno particular à escrita se relaciona com aquilo que a literatura tem nos revelado acerca do apagamento do rótico na fala. Além disso, em se tratando de uma investigação alinhada aos postulados da Teoria de Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994, 2001) — doravante, TVM — e da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005) — doravante, SE —, pretendemos ainda descrever possíveis tendências, em termos de percentuais, referentes às variáveis sociais de sexo, região de origem e histórico de escolaridade e letramento dos participantes sobre o fenômeno em tela, e ao monitoramento linguístico dos alunos no momento da produção escrita.

Investigações afins com objetivos semelhantes aos supramencionados foram conduzidas por Branco (2020), Dutra (2015), Mello (2024), entre outros estudiosos, em sua grande maioria baseados em *corpora* de textos escritos por crianças. No entanto, na esteira de Maciel e Kailer (2019), o presente artigo volta sua atenção ao alunado de turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o qual constitui uma parcela marginalizada da população pelo pouco acesso à educação ao longo da vida. Consequentemente, é também nosso objetivo observar se há diferenças em como os alunos de faixas etárias mais avançadas aprendem a escrever e, mais especificamente, se há uma tendência de que os índices de não grafia sejam mais expressivos nos textos que elaboram.

Por um lado, presume-se que, independentemente da faixa etária dos escreventes em formação, o processo de aprendizado é igualmente influenciado por conhecimentos linguísticos manifestados na fala e sempre passa pela etapa de “erros construtivos”, (Ferreiro e Teberosky, 1986). Por outro, considera-se que, de modo geral, os alunos adultos possuem contato com práticas letradas por mais tempo do que as crianças, em alguns casos inclusive se alfabetizando informalmente no local de trabalho, em instituições religiosas e em casa com o auxílio da família (Fernandes-Sousa, 2019). Ademais, as turmas da EJA contam com grupos mais diversos, reunindo, por exemplo, alunos de cinquenta anos, ou mais, e de origem rural, que não tiveram experiência escolar prévia, com alunos na faixa dos vinte anos, residentes desde o nascimento da malha urbana e recém-saídos do Ensino Regular (Haddad & Di Pierro, 2000). Será que essas e outras particularidades influenciam de alguma forma o fenômeno da grafia não convencional?

A princípio, não se espera que os percentuais de ausência do grafema <r> em textos se mostrem tão expressivos quanto os percentuais de queda do rótico na fala, mas nossa hipótese é a de que a não grafia, assim como o apagamento, se revele

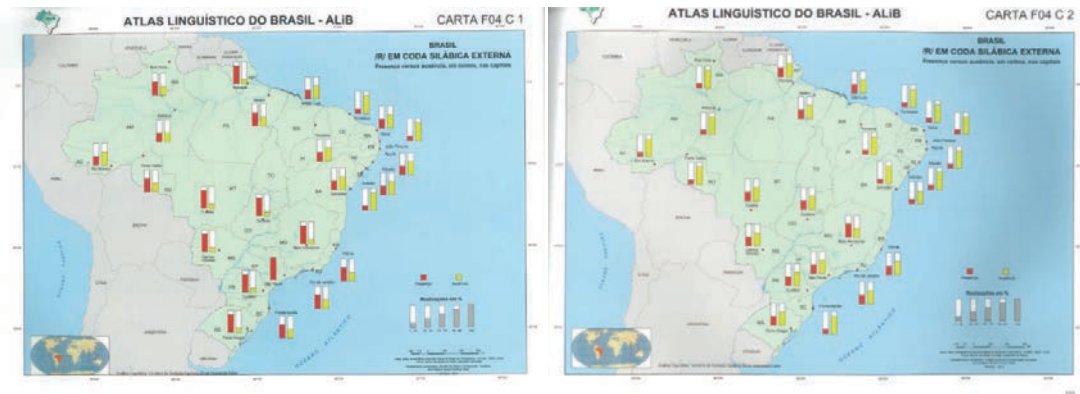
suscetível tanto às variáveis classe morfológica e dimensão do vocábulo, de natureza estrutural, quanto àquelas de natureza sociais, sexo, região de origem e histórico de escolaridade e de letramento. Em relação ao monitoramento linguístico, esperamos que será maior em textos de teor mais dissertativo-argumentativo, típicos do ambiente escolar, e menor em textos de gêneros mais informais e/ou prevalentes no dia-a-dia, tais como cartas e manuais de instrução, e textos do tipo narrativo, de maneira que a não grafia de <r> mais provavelmente predomine nestes em comparação àqueles.

Nas duas seções a seguir, mencionamos os achados não somente de estudos que focalizam o apagamento do rótico na fala, como também aqueles que abordam a não grafia de <r> na escrita. Na quarta seção, serão explicitados os pressupostos teórico-metodológicos que embasam a pesquisa, além de descritos os perfis dos participantes e os passos metodológicos do estudo. Na seção *Resultados e discussão*, serão compartilhados os achados da análise conduzida e retomadas as hipóteses. Afinal, podem ser confirmadas ou refutadas? Por fim, o artigo se fecha com algumas considerações finais que resumem as contribuições da pesquisa.

O apagamento do rótico no PB

A partir das cartas dialetais do projeto Atlas Linguístico Brasileiro (ALiB)² (Figuras 1 e 2), é possível observar facilmente a predominância do zero fonético em 25 capitais do país e o forte impacto da variável classe morfológica sobre o cancelamento do rótico em final de palavra. Ao opor a manutenção à perda do segmento rótico, no que tange à classe de verbos, a tendência à perda é comum a todas as localidades contempladas, embora maior nas regiões Norte e Nordeste. Em relação aos não verbos, há comportamentos distintos, visto que a tendência à perda se restringe às nove capitais da região Nordeste — quais sejam: São Luiz (MA), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracajú (SE) e Salvador (BA) — e a duas capitais da região Norte — quais sejam, Rio Branco (AC) e Manaus (AM). No caso do Rio de Janeiro (RJ) — cidade anfitriã da escola onde coletamos os dados para a realização desta pesquisa —, os índices de zero fonético não são tão tímidos quanto os das outras capitais nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, tampouco tão expressivos quanto os apresentados pelas regiões Norte e Nordeste, situando-se entre os extremos de manutenção e queda do segmento. Essa distribuição regional diferenciada do fenômeno nos interessa para a análise da escrita, por conta da origem dos escreventes, que deve ser levada em conta.

² O *corpus* do ALiB é constituído de respostas aos questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático previamente definidos, também de discursos semidirigidos (relatos pessoais), de respostas a perguntas de teor metalinguístico e da leitura em voz alta do texto “Parábola dos sete vimes” pelos informantes entrevistados.



Figuras 1 e 2. Distribuição do apagamento em coda final de verbos (à esquerda) e de não verbos (à direita).³

Fonte: Cartas F04 C2 e C1, Cardoso *et al.* (2014)

Além da região de origem e da classe morfológica, a literatura também aponta como bastante influentes na ocorrência de queda do segmento as variáveis dimensão do vocábulo, sexo e faixa etária. Grosso modo, vocábulos polissílabos, em oposição aos monossílabos, tendem à ausência do rótico final mais do que os monossílabos, e os falantes mais velhos tendem mais à manutenção do que os mais jovens. Será que, no que concerne às formas desviantes das normas que regem a modalidade escrita, as mesmas tendências são observadas? Quanto ao sexo, curiosamente, são notadas divergências nos achados dos estudos consultados, uma vez que ora os homens são mais favoráveis ao zero fonético, ora as mulheres. Será que, nos casos de não registro de <r>, os resultados referentes a essa variável são mais consistentes?

A não grafia do grafema <r>

Tendo em vista a natureza prescritiva que orienta não apenas a modalidade escrita da língua, como também o ensino escolar como um todo, casos de não registro de <r>, independentemente de estarem potencialmente associados a um fenômeno da fala e de terem uma razão linguística de ser, são tidos como desvios das normas ortográficas, os quais, portanto, devem ser corrigidos. Especialmente recorrentes nos estágios iniciais de alfabetização e letramento, tais casos têm atraído a atenção de pesquisadores da área da Linguística.

Em seu estudo, Martins (2019) realiza a coleta de dados de escrita e dados de fala de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede pública estadual em Mariana (MG) com o intuito de comparar os percentuais de ocorrência de não grafia aos de apagamento em contexto de coda final de verbos. A partir das 29 gravações de áudio e dos 29 textos redigidos, a autora observa uma diferença notável: de um lado, a queda do segmento fonético incide sobre 80% de 251 verbos

³ Na legenda, temos que a cor vermelha equivale à manutenção, e a cor amarela, à ausência do segmento.

na fala; do outro, a ausência do grafema <r> se limita a apenas 11,8% de 195 verbos na escrita.

Mello (2024), por sua vez, se propõe a conduzir uma pesquisa de caráter transversal acerca do comportamento do fenômeno nos anos iniciais do Ensino Fundamental do Ensino Regular. Com esse objetivo, a autora coleta dados de escrita⁴ de turmas do 1º ao 5º ano em uma escola de vínculo federal no Rio de Janeiro (RJ), assim como de turmas do 3º ao 5º ano de uma escola de vínculo municipal na mesma cidade. A autora contempla as variáveis dimensão do vocábulo, classe morfológica e sexo, dentre outras.

Em conformidade com os achados da literatura voltada ao apagamento do rótico na fala, Mello (2024) demonstra que os vocábulos polissílabos — em oposição aos monossílabos — e os vocábulos verbais — em oposição aos não verbais — constituem a maior parte dos casos observados de não registro da consoante na escrita. No que concerne ao sexo dos escreventes, as meninas, sobretudo nas turmas do 1º ao 3º ano, se mostram mais propensas à não grafarem o <r> em comparação aos meninos. Em consideração ao ano escolar, a autora afirma que o percentual de ocorrência de não grafia é mais elevado nos textos escritos pelos alunos do 1º ano — 37% em um total de 84 verbos e 23% em um total de 99 não verbos — e mais baixo nos textos de alunos do 5º ano — na escola federal: 3% em um total de 395 verbos e 0% em um total de 33 não verbos; na escola municipal: 20% em um total de 189 verbos e 0% em um total de 12 não verbos. Em consideração à escola, por sua vez, os achados atribuem às turmas da escola municipal maior suscetibilidade à não grafia de <r> em comparação às turmas da escola federal. Embora não tenha obtido da escola acesso às informações acerca do nível de renda dos pais, Mello (2024) ressalta que a diferença observada entre as escolas é possivelmente explicada pelas distintas realidades socioeconômicas dos alunos de cada instituição, além de ressaltar que, na escola municipal, há casos de alunos com atraso escolar.

Interessados nos efeitos da internet na produção escrita de alunos do 7º e do 8º ano do Ensino Fundamental II no município de Duque de Caxias (RJ), Damulakis e Queiroz (2016) realizam um estudo comparativo entre os índices de ausência de <r> no papel (contexto off-line) e no aplicativo de conversa WhatsApp (contexto on-line). A hipótese dos autores é de que haja ausência mais frequentemente em contexto on-line, uma vez que as plataformas digitais são comumente responsabilizadas por favorecer a ocorrência de desvios ortográficos. E apesar de esta hipótese ser confirmada pelos resultados da análise conduzida, segundo os quais a não grafia incide em 22,2% do total de dados de contexto on-line e 16,4% do total de dados de contexto off-line, não é observada grande discrepância entre os dois contextos. Curiosamente, na produção escrita de alunos do 8º ano em particular, percebe-se

⁴ Em sua dissertação, Mello (2024) inclui em anexo o corpo das atividades utilizadas para a coleta de dados e comenta os achados específicos relacionados a cada uma delas. Para maiores detalhes, sugere-se consultar o trabalho original.

uma discrepância mais acentuada, com 22,9% de ausência de <r> em contexto on-line e apenas 6,9% em contexto off-line. Na visão dos autores, esses alunos mais velhos se mostram mais sensíveis ao suporte em que estão escrevendo. Assim sendo, é possível que adotem um grau menor de monitoramento linguístico ao escreverem mensagens no WhatsApp — normalmente associadas a conversas informais — e que, portanto, não se preocupem em seguir as normas ortográficas com atenção análoga a quando escrevem uma redação na escola.

No estudo de Damulakis e Queiroz (2016), mais uma vez, vocábulos com mais de uma sílaba são mais frequentemente grafados sem o <r> em coda final em comparação àqueles com apenas uma. No entanto, contrariamente ao esperado, o impacto da variável classe morfológica é perceptível somente em contexto on-line — ausência em verbos: 25,9%; em não verbos: 12,5% —, os percentuais de ocorrência de não grafia em contexto off-line de verbos e não verbos se revelando surpreendentemente próximos — 24,5% e 26,1% respectivamente. Por fim, indo de encontro aos achados de Mello (2024), as alunas do sexo feminino — ausência em contexto on-line: 15%; em contexto off-line: 16,1% — tendem a escrever conforme as normas ortográficas mais do que os alunos do sexo masculino — ausência em contexto on-line: 34,3%; em contexto off-line: 28,6%. E nas produções de alunos da EJA, foco de análise do presente artigo, como será que se comportam essas variáveis?

Com o intuito de responder à pergunta, Maciel e Kailer (2019) se debruçam sobre os casos de não registro observados em 31 textos escritos recolhidos de uma escola pública em Belém (PA). Dentre os participantes da pesquisa, todos alunos da EJA, 16 estão na 3ª Totalidade e 15, na 4ª Totalidade⁵. A título de comparação, as autoras recorrem ao *corpus* do projeto ALiB e, por meio dos dados referentes à fala de informantes de baixa escolaridade na capital paranaense, apontam que o apagamento do rótico em coda final incide sobre 61,3% do total de vocábulos, ao passo que, nos dados referentes à escrita dos alunos da EJA, a não grafia de <r> é bem menos frequente, com 22% de ocorrência.

No que diz respeito aos condicionamentos analisados por Maciel e Kailer (2019) ao tratarem dos dados de escrita, os verbos, não surpreendentemente, se revelam mais propensos à ausência do grafema — não aderindo à grafia convencional em 25,5% do total de 220 casos observados — do que os não verbos — que, por sua vez, apenas são afetados pelo fenômeno em 7% do total de 57 casos. Assim como no estudo de Mello (2024), as alunas do sexo feminino — com 23,3% de ocorrência de não registro — tendem a grafar os vocábulos sem o <r> mais recorrentemente do que os alunos do sexo masculino — com 19% de ocorrência de não registro —, embora a diferença percentual seja pequena.

⁵ As autoras explicam que a Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) divide a EJA em quatro Totalidades. A 3ª corresponde aos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental regular, e a 4ª, aos 8º e 9º anos.

Maciel e Kailer (2019) contrastam também os textos de alunos naturais da capital com os de alunos que migraram de localidades interioranas, e verificam que aqueles apresentaram um número maior de casos de não grafia do que estes, com 22,9% e 18,8% de ocorrência, respectivamente. Esse resultado vai de encontro ao esperado pelas autoras, visto que falantes de comunidades urbanas contam com mais exposição e mais oportunidades de acesso à cultura letrada e à(s) variedade(s) de prestígio do PB do que falantes de comunidades rurais (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005). A respeito da variável faixa etária, assim como se observa em relação ao apagamento do rótico na fala, os alunos mais jovens apresentam índices mais expressivos de ausência do que os mais velhos, com 24,6% e 18,9%, respectivamente.

Ao considerarem a quantidade de tempo sem estudar dos participantes do estudo, Maciel e Kailer (2019) observam que os alunos com mais de 10 anos afastados da escola, com 30% de ocorrência de não grafia, são os mais favoráveis ao fenômeno. Por fim, as autoras apontam que entre os alunos da 3ª Totalidade e os alunos da 4ª Totalidade a diferença é mínima, os textos elaborados por aqueles — com 22,2% de ocorrência — apresentando uma quantidade muito semelhante de casos de não registro em comparação a estes — com 21,2% de ocorrência. Vale esclarecer que também é investigado o impacto da vogal-núcleo da sílaba portadora do rótico, um fator estrutural de cunho mais fonético não contemplado nesta pesquisa. Será que, neste artigo, os resultados alcançados serão semelhantes aos relatados ao longo desta seção?

A teoria de variação e mudança (TVM), a sociolinguística educacional (SE) e a metodologia de pesquisa

Com foco na investigação dos fenômenos de variação e de mudança, que são inerentes às línguas naturais, a TVM parte do princípio de que as circunstâncias históricas e sociais em que o sistema linguístico é usado podem ter impacto sobre a estrutura desse sistema e, portanto, é inovadora em relação a quadros teóricos antecessores, que concebem as línguas como realidades abstratas e homogêneas. Além disso, esclarece que nenhum uso linguístico ocorre ao acaso, pois o comportamento de fenômenos linguísticos tais como o apagamento do rótico é tão submetido a regras quanto qualquer outro, sendo passível de investigação científica sistemática. Nos estudos mencionados nas seções anteriores, igualmente alinhados a essa vertente teórico-metodológica, verificam-se, por exemplo, os contextos mais favoráveis ao avanço do apagamento do rótico na fala e da não grafia da consoante na escrita, levando em consideração os efeitos tanto de fatores estruturais quanto de fatores sociais: variáveis independentes a partir da atuação das quais os fenômenos analisados podem ocorrer ou não.

Atentando-se especificamente à variação linguística existente no PB, Bortoni-Ricardo (2004, 2005), precursora da SE, estabelece três escalas de gradação fundamentais para sua compreensão. Por meio delas, reforça também a importância de que o ensino de língua materna se baseie em usos autênticos e devidamente contextualizados do sistema nas práticas de fala e de escrita do dia a dia. Na primeira escala, Bortoni-Ricardo contrasta o meio rural com o meio urbano. Em um dos extremos, agrupa os falares das localidades mais isoladas, tanto por ação de obstáculos geográficos, como rios e montanhas, quanto do pouco acesso aos veículos de comunicação, como a televisão, o jornal, o rádio e, mais recentemente, a internet. No outro, os falares dos centros metropolitanos, fortemente influenciados pela ação prescritiva de dicionários e gramáticas e de agentes padronizadores da língua, como a imprensa, as obras literárias e a escola, além de mais expostos a culturas de letramento. Considerando os participantes desta pesquisa, vale lembrar que uma grande parte deles migrou de localidades rurais no interior de estados da região Nordeste para o Rio de Janeiro (RJ), situando-os no meio da escala, zona nomeada por Bortoni-Ricardo (2004:52) de “*rurbana*”. Nas palavras da autora,

os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais que estão submetidas à influência urbana.

Na segunda escala de gradação, são contrastadas a modalidade oral da língua e a modalidade escrita, e mais especificamente as situações comunicativas de que os indivíduos participam independentemente de suas origens. Em um dos extremos, estão os eventos de letramento, isto é, situações amparadas por inteiro na escrita e na norma padrão, e, no outro, eventos de oralidade, isto é, situações mediadas pela fala que não sofrem qualquer interferência da língua escrita, como, por exemplo, as que requerem planejamento prévio.

Por fim, na terceira e última escala, opõem-se os estilos de uso, que podem demandar maior, ou menor, monitoramento linguístico por parte do falante. Afinal, a depender do(s) interlocutor(es), do tópico abordado, da familiaridade com o tópico, entre outros, podemos prestar mais atenção à forma que falamos ou escrevemos, de modo a evitarmos formas estigmatizadas, tidas como “erro”. Nesse sentido, a depender do tipo de atividade realizada pelos alunos da EJA, estima-se que os índices observados de não grafia de <r> nos textos elaborados podem variar.

Os fundamentos da TVM e da SE serão importantes para a presente análise da variação entre grafia e não grafia de <r> na escrita de alunos da EJA, em uma abordagem qualiquantitativa dos dados recolhidos de suas produções textuais.

Relativamente aos passos metodológicos da pesquisa, primeiramente, foi estabelecido o contato com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV). Vinculada à Fundação Oswaldo Cruz e, portanto, ao Ministério da Saúde e à rede pública federal, a escola escolhida é um dos pontos de atuação do projeto de extensão *Observatório Universidade/Escola da Aquisição/Aprendizagem da Escrita* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do qual graduandos da Faculdade de Letras auxiliam ativamente na alfabetização e letramento de alunos de escolas da rede pública na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Tal auxílio é prestado via oficina ofertada aos alunos de todas as turmas da EJA, desde o Ensino Fundamental Séries Iniciais ao Ensino Médio⁶, com encontros semanais de duas horas. Não surpreendentemente, a maioria dos inscritos na oficina provém de turmas do Ensino Fundamental, assim como a maioria dos participantes deste estudo — a saber, 21 de um total de 35. Dito isso, dentre os participantes inscritos que provém de turmas do Ensino Médio, alguns deles apresentam tanta dificuldade ao escrever quanto participantes de turmas do Ensino Fundamental, levando-nos ao seguinte questionamento: será que o ano escolar na modalidade EJA é critério suficientemente indicativo do nível de apropriação do sistema da escrita convencional pelos alunos?

Foi elaborado um questionário de oito perguntas para se traçar o perfil de cada participante tendo em vista três critérios principais: (i) Tempo sem Estudar — também contemplado por Maciel e Kailer (2019) —, (ii) Tempo de Estudo — referente, grosso modo, ao nível de escolaridade máximo alcançado, seja na EJA da EPSJV, seja em experiências anteriores em outras EJAs, ou no Ensino Regular —, (iii) e Estágio de Alfabetização/Letramento (EAL) — referente às capacidades individuais de leitura e de escrita e às dificuldades observadas no decorrer dos encontros promovidos pela oficina. A partir do cruzamento entre esses fatores, foi desenvolvida a variável compósita histórico de escolaridade e letramento e, além disso, foi criado um sistema de pontos (Tabela 1) usado para a divisão dos participantes em três grupos: (i) Grupo Iniciante (GIC), para participantes com pontuação total de valor 1, ou 2; (ii) Grupo Intermediário (GIT), para aqueles com pontuação total de valor 3 a 6; (iii) por fim, Grupo Avançado (GAV), para aqueles com pontuação total de valor 7 a 9. Naturalmente, nossa expectativa é a de que os participantes no GAV sigam a convenção ortográfica mais eficientemente e, portanto, apresentem nos textos produzidos menos ocorrências de não grafia de <r>.

⁶ O currículo da EJA na EPSJV é dividido em três níveis, a saber: Ensino Fundamental Séries Iniciais, Ensino Fundamental Séries Finais e Ensino Médio. Os níveis apresentam cada um duração de quatro semestres e abordam conteúdos correspondentes respectivamente aos períodos do Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º) e Ensino Médio do Ensino Regular.

Tabela 1. Sistema de pontuação usado para o cruzamento de fatores envolvidos na variável compósita histórico de escolaridade e letramento e na divisão dos participantes em três grupos.

Pontuação por categoria	Tempo de Estudo	Tempo sem Estudar	EAL
0	Nunca estudou/ Menos de 1 ano	Mais de 30 anos	-
1	Não concluiu Nível Fundamental	20 a 30 anos	Dificuldades no nível da sílaba e da palavra
2	Concluiu Nível Fundamental	10 a 20 anos	Dificuldades na formação de sentenças (curtas ou longas)
3	Não concluiu Nível Médio	Menos de 10 anos	Dificuldade em aspectos da composição textual (ex: coesão e coerência)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vale esclarecer que os graduandos extensionistas e o professor coordenador do projeto *Observatório Universidade/Escola da Aquisição/Aprendizagem da Escrita* não adotaram essa mesma divisão, que foi desenvolvida para os fins desta pesquisa, e basearam-se nos próprios critérios e objetivos pedagógicos para a adaptação e realização das atividades com os alunos. De modo geral, os exercícios para alunos ainda incipientes nas práticas de alfabetização e letramento focalizavam a associação entre fonema e letra, a divisão silábica, e a escrita de palavras isoladas, ao passo que os demais, a depender do EAL, escreviam respostas mais extensas ora para enunciados simples com perguntas diretas, ora para enunciados complexos que incluíam algum esforço argumentativo. Em raras ocasiões, foi solicitada a escrita de textos mais longos independentemente do EAL, dando-se preferência a gêneros corriqueiros e informais, como uma carta para um ente querido.

A fim de coletar o máximo possível de dados para a análise conduzida, foram contemplados todos os tipos de produção escrita. Na Tabela 2, a seguir, os 701 dados recolhidos são distribuídos por grupo de participantes — GIC, GIT e GAV — e por tipo de atividade — de um lado, respostas de perguntas e textos de caráter dissertativo-argumentativo, com maior monitoramento linguístico previsto; do outro, textos mais informais e/ou corriqueiros sobre tópicos com que os alunos têm maior familiaridade, com menor monitoramento linguístico previsto.

Tabela 2. Distribuição dos dados do *corpus* em função das variáveis histórico de escolaridade e letramento e tipo de atividade.

Grupos	Total	Atividades com maior monitoramento previsto	Atividades com menor monitoramento previsto
<i>Geral</i>	701	432	269
<i>Iniciante</i>	161	89	72
<i>Intermediário</i>	312	205	107
<i>Avançado</i>	228	138	90

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a digitalização dos textos redigidos e o levantamento dos dados, recorre-se à plataforma online e gratuita Planilhas Google (*Google Sheets*), cujas funções se assemelham às do programa Microsoft Excel, para a realização de uma estatística descritiva, na qual são identificadas e quantificadas as ocorrências observadas de grafia *versus* as de não grafia de <r>. Paralelamente, avalia-se o efeito de seis variáveis no fenômeno em destaque, quais sejam: (i) classe morfológica; (ii) dimensão do vocábulo; (iii) sexo; (iv) região de origem; (v) histórico de escolaridade e letramento; e (vi) tipo de atividade.

De modo análogo aos estudos referentes ao avanço do apagamento do rótico Brasil afora, optou-se por separar os dados de verbos dos de não verbos, ainda que nossa expectativa seja a de que os índices de ausência na escrita sejam consideravelmente mais tímidos do que na fala. Em se tratando de um fenômeno relativamente restrito ao aprendizado da escrita, ao longo do qual, para além da ação das variáveis elencadas acima, o indivíduo continuamente elabora e refuta hipóteses (Ferreiro & Teberosky, 1986) amparando-se não só no próprio conhecimento fonológico (Oliveira, 2005; Cagliari, 1996; entre outros), como também em conhecimentos específicos da modalidade escrita da língua (Pachalski & Miranda, 2019), entende-se que o presente estudo não se sustenta em uma análise puramente quantitativa. Assim sendo, é também necessário atentar às particularidades de cada dado recolhido e discuti-los qualitativamente à luz dos pressupostos teóricos adotados e da literatura consultada.

Resultados e discussão

Conforme esperado, os índices de ocorrência de não grafia de <r> nos textos recolhidos são, em geral, mais tímidos do que os índices apontados pela literatura consultada referentes ao avanço do apagamento do rótico na fala. Além disso, o fenômeno incide com mais frequência sobre a escrita de participantes do GIC (Fi-

gura 3, vocábulo “trabalhaØ”) em comparação à escrita de participantes do GIT (Figura 4, vocábulo “terminaØ”) e do GAV (Figura 5, vocábulo “daØ”), apresentando respectivamente 34,2% (55/161), 15,7% (49/312) e 12,7% (29/228) de ocorrências. Embora participantes do GIC tenham demonstrado uma dificuldade generalizada ao escreverem quaisquer sílabas complexas — a saber, CVC e CCV —, é interessante destacar que o não registro de <r> persiste mesmo nos textos dos alunos da EJA com maior domínio da modalidade escrita da língua e que, como será explicitado adiante, os efeitos das variáveis analisadas são relativamente consistentes nos três grupos.

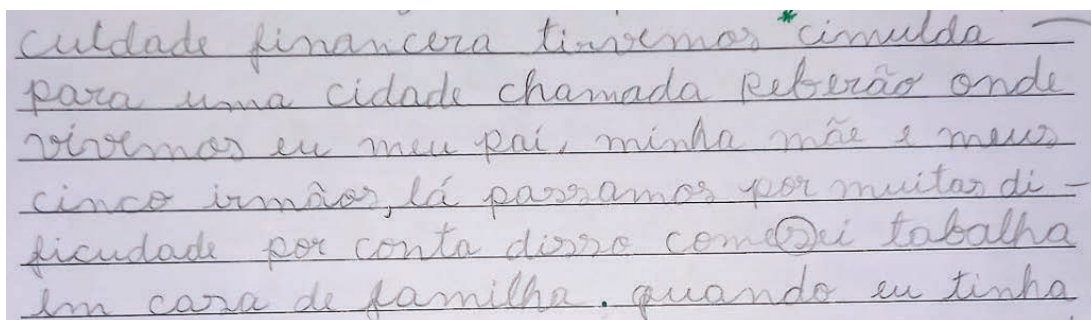


Figura 3. Atividade realizada pela Participante 25, pertencente ao GIC.

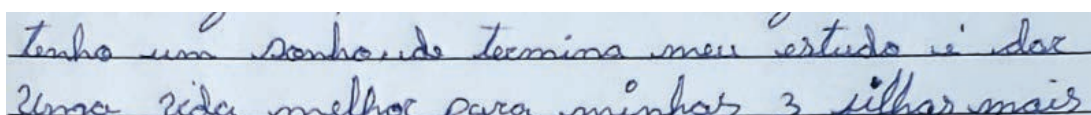


Figura 4. Atividade realizada pelo Participante 9, pertencente ao GIT.

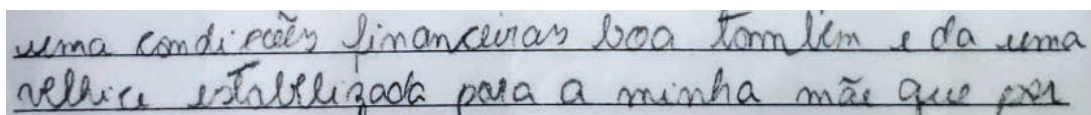


Figura 5. Atividade realizada pela Participante 18, pertencente ao GAV.

Começando pela variável classe morfológica, os resultados da análise vão ao encontro dos achados de Damulakis & Queiroz (2016), Maciel & Kailer (2019), Mello (2024), entre outros, acerca da não grafia, e dos achados de estudos que focalizam o apagamento do rótico na fala (Cardoso *et al.*, 2014; entre outros), segundo os quais vocábulos verbais são mais suscetíveis à ausência tanto do grafema quanto do segmento fonético em análise. Nos Gráficos 1 e 2, a seguir, tal suscetibilidade é mais nítida nos resultados do GIT — cujos participantes não registram o <r> em 18,5% (46/249) do total de verbos e em apenas 5% (3/64) do total de não verbos e principalmente nos resultados do GAV cujos participantes, apesar de não registrarem o <r> em 15,8% (29/183) do total de verbos, sempre o grafam na coda final de vocábulos não verbais. No GIC, a discrepância entre verbos e não verbos é menor, porém com a não grafia ainda a favor daqueles em comparação a estes, os textos dos participantes alcançando respectivamente 36,1% (43/119) e 28,6%

(12/42) de ocorrência de não grafia em cada classe. Considerando o cômputo geral, a incidência do fenômeno se dá sobre 21,4% (118/551) dos verbos e 10% (15/150) dos não verbos.

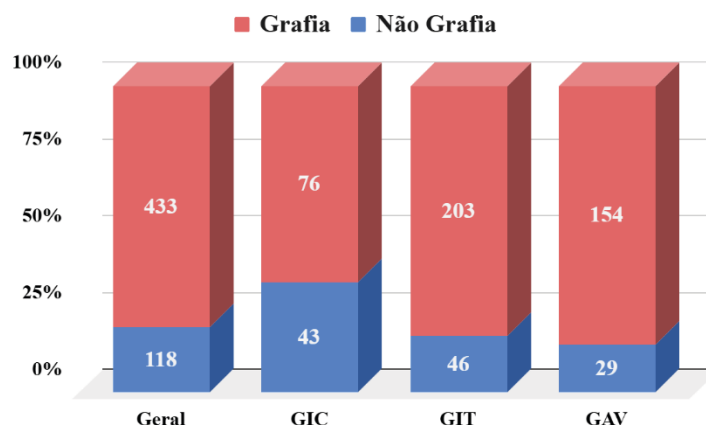


Gráfico 1. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e em cada um dos três grupos de participantes — GIC, GIT e GAV.

Fonte: Elaborado pelos autores.

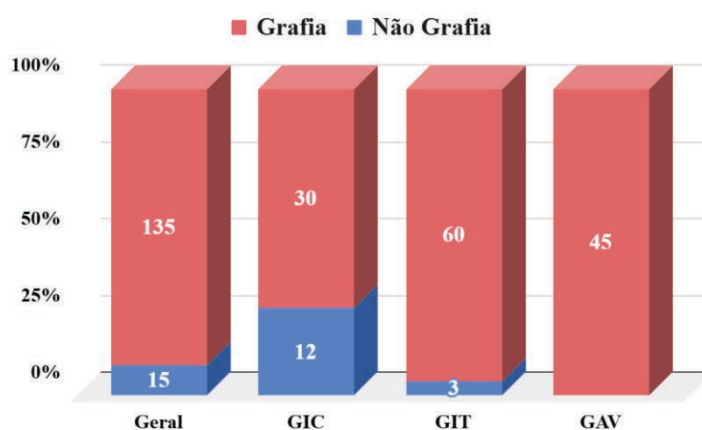


Gráfico 2. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e em cada um dos três grupos de participantes — GIC, GIT e GAV.

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que concerne à variável dimensão do vocábulo, os resultados referentes ao cômputo geral, ao GIC e ao GIT apresentam a mesma tendência, isto é, de que vocábulos polissílabos sejam alvos da não grafia de <r> — respectivamente, 21,1% (121/573), 37,8% (54/143) e 17,5% (44/252) de ocorrência — mais frequentemente do que vocábulos monossílabos — respectivamente, 9,3% (12/128), 5% (1/18) e 8,3% (5/60) de ocorrência. Essa tendência, vale lembrar, é também recorrente na literatura consultada a respeito dos dois fenômenos que, neste artigo, se encontram fortemente relacionados. Dito isso, considera-se que a relevância da variável dimensão do vocábulo se restringe, em certa medida, aos estágios iniciais

do aprendizado da escrita, visto que, nos textos do GAV, os percentuais de ocorrência em vocábulos polissílabos e monossílabos são bem próximos, respectivamente 12,9% e 12%.

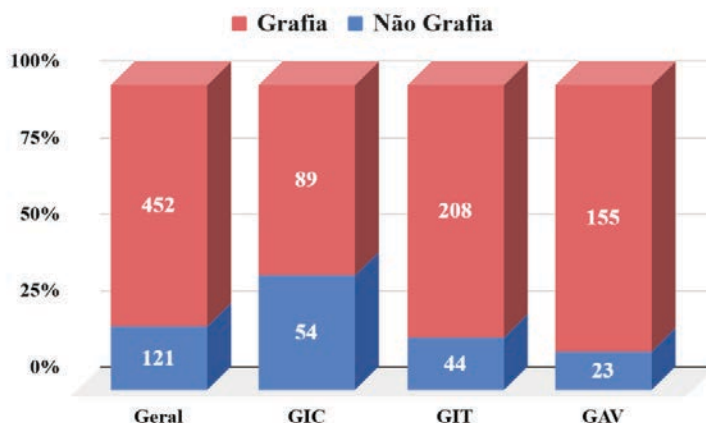


Gráfico 3. Distribuição de grafia e não grafia em polissílabos no cômputo geral e em cada um dos três grupos de participantes — GIC, GIT e GAV.

Fonte: Elaborado pelos autores.

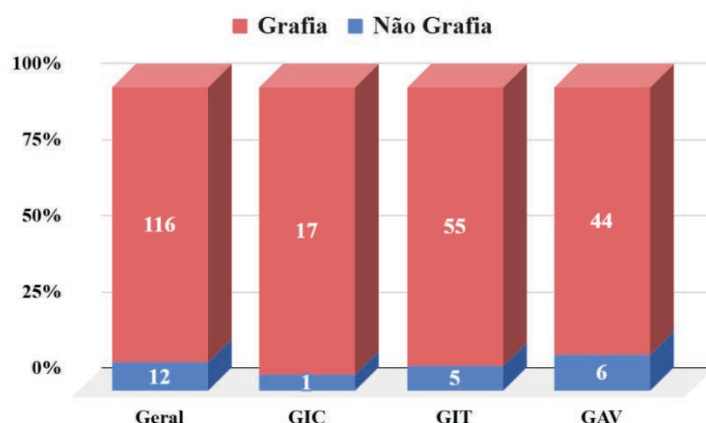


Gráfico 4. Distribuição de grafia e não grafia em monossílabos no cômputo geral e em cada um dos três grupos de participantes — GIC, GIT e GAV.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à variável sexo, de modo análogo ao que observam Damulakis e Queiroz (2016) na escrita infantil, participantes do sexo feminino se revelam menos favoráveis à não grafia de <r> do que participantes do sexo masculino, indo ao encontro, portanto, da hipótese de Mollica (2016) de que as mulheres costumam, tanto na fala quanto na escrita, evitar formas estigmatizadas e incorporar mais rapidamente formas de prestígio. No entanto, abre-se a ressalva de que o grupo de participantes com maior domínio da modalidade escrita da língua, isto é, o GAV, é composto por 8 mulheres e somente 1 homem, revelando uma grande interferência da variável histórico de escolaridade e letramento por sexo nos resultados alcançados. Contrastando-os com os resultados de Mello (2024) e de Maciel e Kailer

(2019), segundo os quais os participantes do sexo masculino são os mais conservadores, conclui-se que a influência da variável sexo está possivelmente sujeita às particularidades de cada grupo de alunos, até mesmo porque o não registro está vinculado a uma mudança linguística em curso, a queda do rótico mostrando-se tão generalizada nos falares Brasil afora que é, atualmente, praticamente categórica nos verbos e não mais sensível a condicionamentos internos ou externos.

Conforme é demonstrado nos Gráficos 5 e 6, a seguir, no cômputo geral, o não registro da consoante incide sobre 18,7% (80/427) do total de verbos nos textos de participantes de sexo feminino, e sobre 30,6% (38/124) do total produzido por participantes do sexo masculino. No GIC e no GAV, os homens se mantêm com os percentuais mais elevados — com respectivamente 56,3% (18/32) e 28% (7/25) de ocorrência em verbos — em comparação às mulheres — com respectivamente 28,7% (25/87) e 13,9% (22/158). No GIT, excepcionalmente, os percentuais apresentados pelos participantes de cada sexo são bastante próximos. Enquanto os homens não grafam o <r> em 19,4% (13/67) do total de verbos, as mulheres não o grafam em 18,1% (33/182) dos casos. Somando-se isso ao fato de os resultados do GAV em relação ao sexo masculino se referirem à produção de um único participante, demarcando antes tendências individuais do que representativas de um grupo, estipula-se que, assim como a variável dimensão do vocábulo, os efeitos do sexo do participante talvez se restrinjam aos estágios iniciais da alfabetização e do letramento.

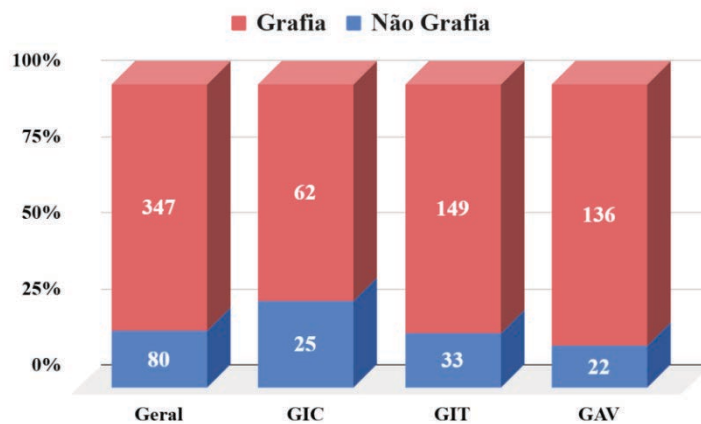


Gráfico 5. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes do sexo feminino.

Fonte: Elaborado pelos autores.

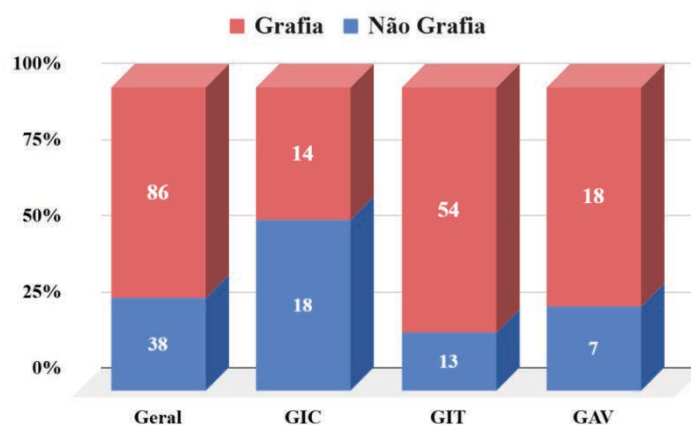


Gráfico 6. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes do sexo masculino.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nos Gráficos 7 e 8, referentes aos resultados sobre o efeito da variável em não verbos, observa-se que, no cômputo geral e no GIC, os homens persistem mais favoráveis à não grafia — respectivamente, 17,6% (9/51) e 33,3% (8/24) de ocorrência — do que as mulheres — respectivamente 6% (6/99) e 22,2% (4/18). Não obstante, os percentuais de ocorrência referentes a cada sexo são praticamente idênticos no GIT — 5% para os homens e 4,7% para as mulheres — e idênticos no GAV, em que, como supracitado, não há casos de não registro, reforçando que o impacto da variável sexo é limitado aos estágios iniciais de letramento.

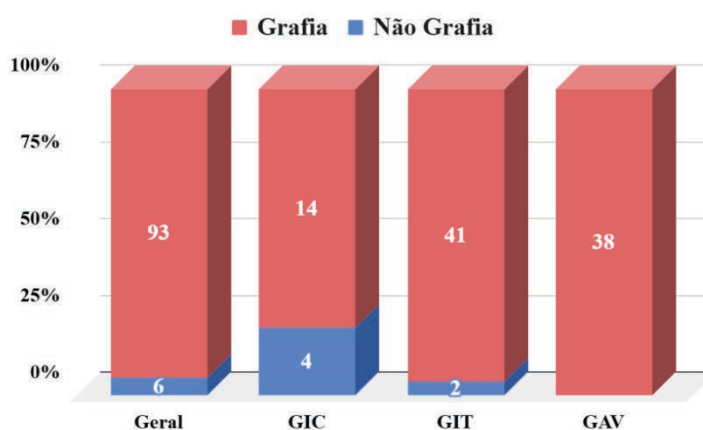


Gráfico 7. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes do sexo feminino.

Fonte: Elaborado pelos autores.

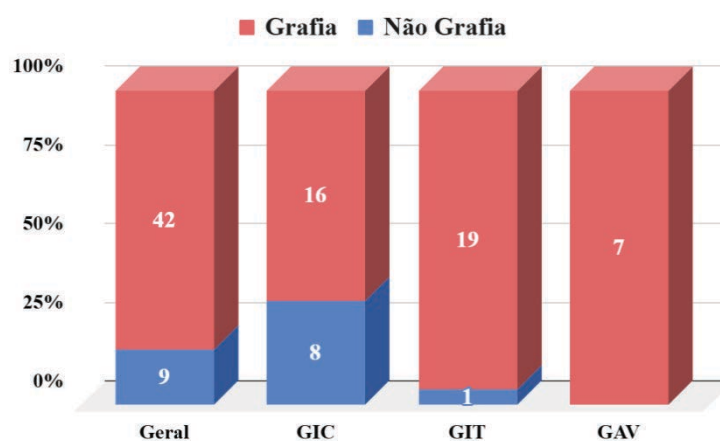


Gráfico 8. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes do sexo masculino.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a análise da variável região de origem, os participantes foram divididos entre naturais do Rio de Janeiro e dos estados vizinhos na região Sudeste e naturais de localidades da região Nordeste. Vale esclarecer que duas participantes não informaram as respectivas cidades de origem, de modo que tenha sido necessário desconsiderar os dados referentes às suas produções escritas durante a investigação dessa variável. Assim, do total de 701 dados coletados, são contemplados 681 — 534 verbos e 147 não verbos. Abre-se também a ressalva de que, embora se observe certo equilíbrio no número de participantes de cada região nos demais grupos, há mais participantes naturais da região Nordeste (8/11) do que da região Sudeste (3/11) no GIC, de modo que, mais uma vez, a variável histórica de escolaridade e letramento potencialmente interfira nos resultados alcançados.

Nos Gráficos 9 e 10 a seguir, percebe-se que, tanto no cômputo geral, quanto no GIC e no GAV, participantes naturais da região Nordeste — com respectivamente 25,4% (82/323), 40% (34/85) e 25% (26/104) de ocorrência — não grafam o <r> em coda final de verbos mais frequentemente do que os naturais da região Sudeste — com respectivamente 15,6% (33/211), 26,5% (9/34) e 3,8% (3/79) de ocorrência. Nesse sentido, apesar de as cartas do ALiB (Ver seção O apagamento do rótico no PB) contemplarem apenas as capitais das regiões, e de os participantes deste estudo serem, na maior parte, naturais de localidades rurais e interioranas, pode-se argumentar que a não grafia na escrita segue a mesma tendência do apagamento na fala, aparecendo com maior recorrência nos textos de alunos em cujos falares o zero fonético é mais predominante. No GIT, assim como ocorre com a variável sexo, os percentuais de ocorrência são bem próximos — 18,1% (25/138) para os naturais da região Nordeste e 18,9% (21/111) para os naturais da região Sudeste. São, inclusive, tão próximos que sequer se pode determinar quais participantes são mais favoráveis ao fenômeno sob análise.

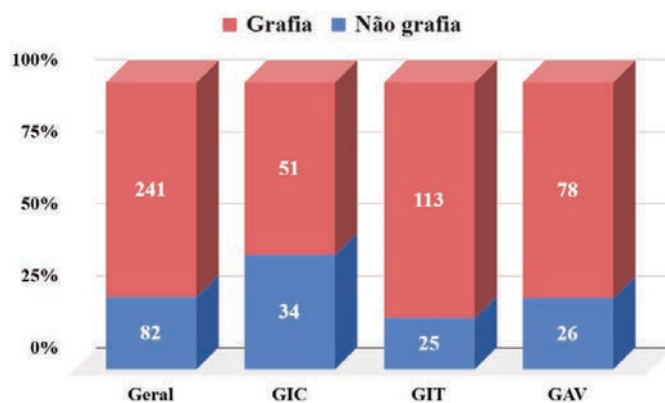


Gráfico 9. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes da região Nordeste.

Fonte: Elaborado pelos autores.

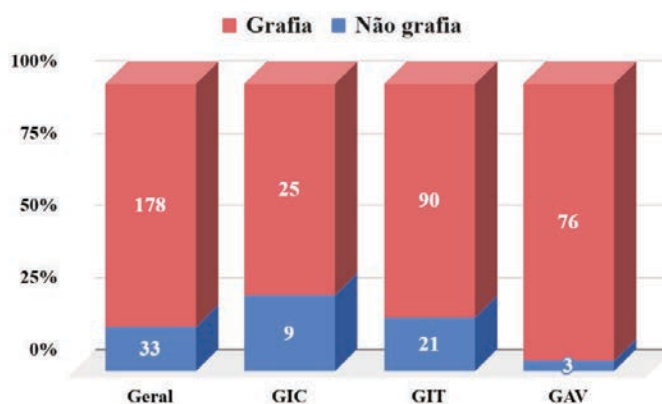


Gráfico 10. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes da região Sudeste.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à ação da não grafia de <r> em dados de não verbos (Gráficos 11 e 12, a seguir), o fenômeno se mostra menos sensível à variável região de origem, haja vista a diferença mínima no número de ocorrências e nos percentuais atingidos referentes ao cômputo geral — 10,5% (8/76) para naturais da região Nordeste e 10% (7/71) para naturais da região Sudeste —, ao GIT — respectivamente, 3,1% (1/32) e 7% (2/31) — e ao GAV, em que todos os vocábulos são grafados segundo a convenção ortográfica. O GIC, conforme mencionado, é o único grupo em que a não grafia de <r> atinge fortemente tanto verbos quanto não verbos.

Curiosamente, apesar de os participantes naturais da região Nordeste se mostrarem mais propensos ao não registro do <r> — com 38,9% (7/18) de ocorrência — em comparação àqueles naturais da região Sudeste — com 20,8% (5/24) de ocorrência —, é compartilhada entre eles a tendência de apresentar índices similares àqueles obtidos na análise dos verbos — respectivamente, 40% (34/85) e 26,5% (9/34). Ainda assim, essa tendência é inegavelmente mais perceptível dentre os nascidos na região Nordeste, cujos índices de não registro são praticamente idênti-

cos independentemente da classe morfológica, tal como o são os índices de apagamento do rótico nos falares das capitais contempladas pelo ALiB (Callou, Serra & Cunha, 2015; Cardoso *et al.*, 2014).

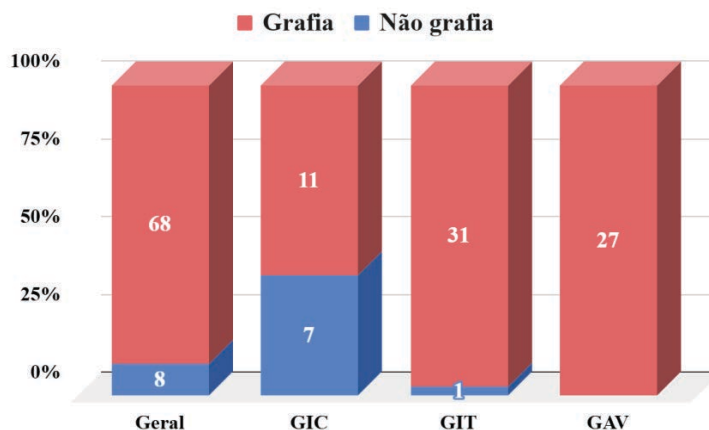


Gráfico 11. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes da região Nordeste.

Fonte: Elaborado pelos autores.

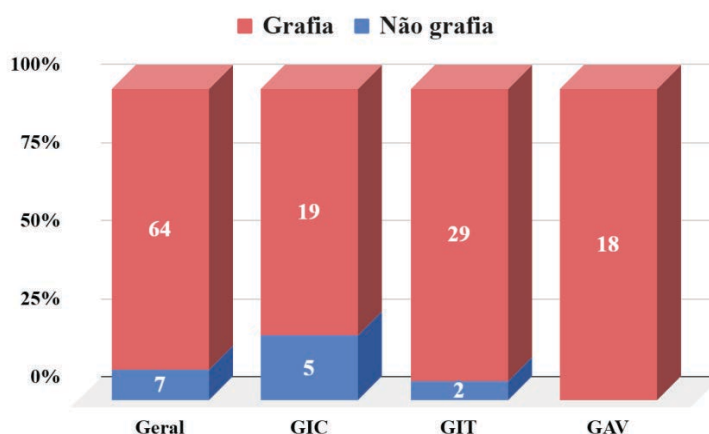


Gráfico 12. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a participantes da região Sudeste.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, no que tange à variável tipo de atividade, observa-se consistentemente mais ocorrências de não grafia de <r> nos dados de verbos recolhidos de atividades com menor monitoramento linguístico previsto (Gráfico 13) — com 29,8% (64/215) de ocorrência no cômputo geral, 44,4% (24/54) no GIC, 24,7% (23/93) no GIT e 25% (17/68) no GAV — do que nos dados recolhidos de atividades com maior monitoramento previsto (Gráfico 14) — com respectivamente 16,1% (54/336), 29,2% (19/65), 14,7% (23/156) e 10,4% (12/115) no GAV de ocorrência. A variável mostra-se, portanto, consideravelmente relevante neste artigo para a descrição do comportamento da não grafia de <r> nos textos dos alunos da EJA.

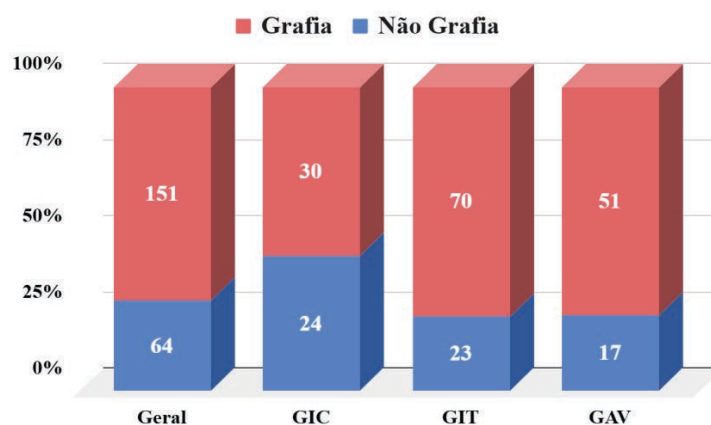
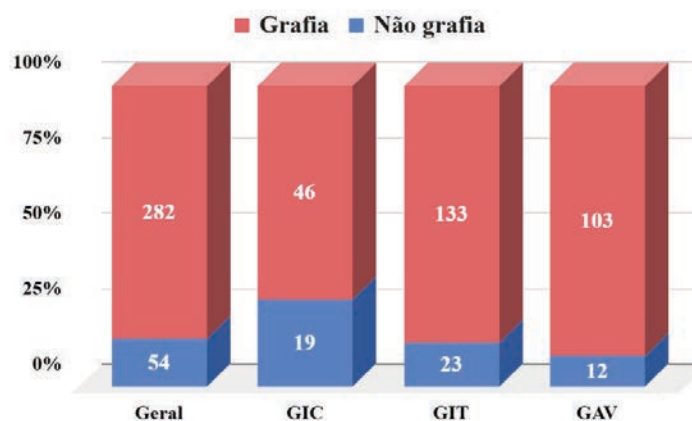


Gráfico 13. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a atividades com menor monitoramento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Gráfico 14. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de



cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a atividades com maior monitoramento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando os resultados acerca dos dados de não verbos (Gráficos 15 e 16), todavia, as tendências observadas variam de tal maneira que o impacto da variável tipo de atividade parece estar restrito à classe dos verbos. No cômputo geral, os dados de não verbos não se mostram sensíveis ao tipo de atividade com percentuais de ocorrência bastante próximos — 9,3% (5/54) para atividades de menor monitoramento e 10,4% (10/96) para atividades com maior monitoramento. No GIC, contrariamente ao esperado, tornam-se mais favoráveis à não grafia atividades com maior monitoramento previsto em oposição às demais — 33,3% (8/24) e 22,2% (4/28) de ocorrência respectivamente. No GIT, por sua vez, apesar do número pequeno de dados, observa-se a tendência inversa, isto é, de que a não grafia de <r> em não verbos é mais recorrente, assim como ocorre em verbos, durante a realização de atividades com menor monitoramento linguístico previsto do que das restantes — 7% (1/14) e 4,2% (2/49) respectivamente.

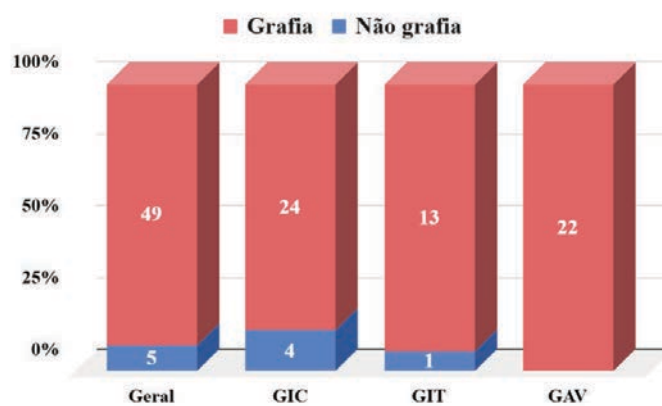


Gráfico 15. Distribuição de grafia e não grafia em não verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a atividades com menor monitoramento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

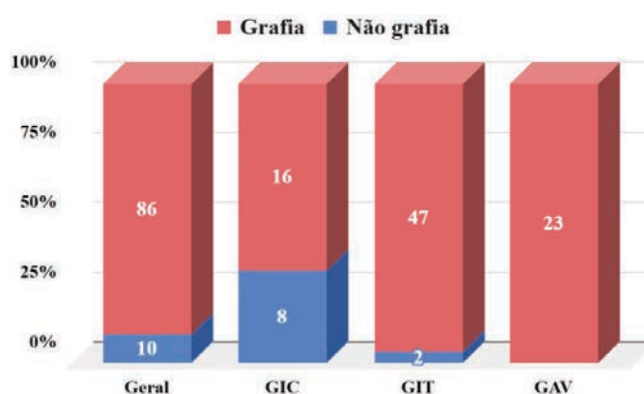


Gráfico 16. Distribuição de grafia e não grafia em verbos no cômputo geral e nos dados de cada grupo — GIC, GIT e GAV — pertinentes a atividades com maior monitoramento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações Finais

O objetivo principal deste artigo foi investigar casos de não grafia de <r> em textos escritos por alunos da EJA. No decorrer da análise conduzida, de caráter qualitativo, as variáveis classe morfológica e a variável composta de histórico de escolaridade e letramento se mostram as mais influentes enquanto as demais se mostram relativamente limitadas ora a estágios iniciais do aprendizado da escrita, ora a uma classe de palavras. Assim como aponta a literatura a respeito do apagamento do rótico na fala, os verbos e os vocábulos polissílabos são os mais suscetíveis à não grafia na escrita, o que corrobora a existência de uma relação a ser traçada entre ambos os fenômenos. Apesar de ainda apresentarem índices relativamente altos de não grafia em verbos, os alunos da EJA com maior domínio da escrita tendem a seguir a convenção ortográfica com mais eficiência do que aqueles ainda incipientes, assim evidenciando o impacto que o contato com a escola causa sobre as formas com que se usa a língua.

Ao compararmos os resultados alcançados com os de Mello (2024), é interessante observar que, de um lado, os percentuais de ausência de <r> se mostram em

geral superiores nos textos elaborados por alunos da EJA em comparação àqueles produzidos por crianças no Ensino Fundamental I da escola de vínculo federal no estudo da autora. Do outro, os percentuais obtidos se assemelham aos percentuais referentes aos dados de escrita infantil da escola de vínculo municipal e menor prestígio segundo a autora. Assemelham-se também aos achados de Damulakis e Queiroz (2016) acerca da incidência do não registro em textos recolhidos de alunos do Ensino Fundamental II de uma escola do município de Duque de Caxias (RJ) em contexto off-line. Tendo isso em vista, conjuntamente ao fato de que os alunos da EJA configuram uma parcela marginalizada da população com pouco acesso à educação ao longo da vida, depreende-se que variáveis a respeito do background social potencialmente geram mais impacto no aprendizado da escrita do que a faixa etária em que os alunos começam os estudos (ou regressam a eles).

Por fim, podemos dizer que, com a presente pesquisa, lançamos luz sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento tardio da escrita, acreditando que demos uma contribuição importante para o estreitamento dos laços entre o ensino e a pesquisa em língua materna e que, a partir disso, podem ser proporcionadas mudanças positivas na perspectiva educacional, mais especificamente, no tratamento dos “erros” ortográficos.

Referências

ABREU, K. & ROSA, M. **A alfabetização de idosos: um tema urgente no Brasil**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANCO, A. **O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II**. Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2020.

BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, 14 , p. 261-290, 2002.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Patterns of lexical diffusion and articulatory motivation for sound change. In: SOLÉ, M.; RECASENS, D. **The initiation of sound change: perception, production and social factors**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. p. 211-234, 2012.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. 9ª ed. São Paulo: Scipione, 1996.

_____. L. C. Alfabetização e Ortografia. **Educar**. Curitiba, n. 20, p. 43-58, 2002.

Silva et al. | Os efeitos da mudança linguística no aprendizado da escrita por jovens e adultos: Uma análise da não grafia de <r> em final de palavra

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.

_____, MORAES, J. & LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. In: **DELTA**, São Paulo, V. 14, n. spe, p. 00, 1998.

_____, SERRA, C. & CUNHA, C. (2015) Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. In: HORA, D. & BATTISTI, E. (Org.) **Revista da Abralín**. V. 14, n. 1, 2015.

CARDOSO, S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

CÉSAR, Helena Horvat de Farias. **Acréscimo do grafema <r> em coda silábica: intervenção para casos de hipercorreção**. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras), 2017.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; GUIMARÃES, Daniela Oliveira. A aquisição da linguagem falada e escrita. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, V. 48, n. 3, p. 316-323, jul./set. 2013.

CUNHA, A. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Dissertação de Mestrado, 2004.

_____, A. & MIRANDA, A. R. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 1, p. 1-19, 2007.

DAMULAKIS, G. & QUEIROZ, V. A retomada da vibrante em coda final em ambientes on-line e off-line: a internet influenciou a escrita dos alunos. **Letras & Letras**. Uberlândia, V. 32, n. 2, p. 64-82, 2016.

DUTRA, M. **A produção da coda silábica na escrita de alunos do 3o ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública municipal na cidade do Recife**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Ensino), 2015.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: Desatando alguns nós**. São Paulo, Parábola Editorial. 2008.

FERNANDES-SOUSA, M. Saberes da oralidade e sua influência para o desenvolvimento da compreensão leitora em estudantes de uma classe de alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. In: BORTONI-RICARDO, S. M; MOLLICA, M. **Alfabetização e Letramento**. Volume 2. Natal: SEDIS/UFRN. 2019.

FERREIRA, C. **Um estudo sobre a segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Dissertação de Mestrado, 2011.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. Escolarização de jovens e adultos. In: **Revista Brasileira de Educação**, 14, p. 108-130, 2000.

HOUAISS, A; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

_____. **Principles of linguistic change**. Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

Silva et al. | Os efeitos da mudança linguística no aprendizado da escrita por jovens e adultos: Uma análise da não grafia de <r> em final de palavra

- _____. **Principles of linguistic change**. Social Factors. Cambridge: Blackwell, 2001.
- LEITE, Y. & CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MACIEL, S. & Kailer, D. Uma proposta pedagógica-variacionista para trabalhar a transposição do apagamento do /r/ da fala para a escrita com alunos da EJA. **Revista Tabuleiro de Letras**. Salvador (online), V, 13, n. 3, p. 92-111, 2019.
- MARTINS, K. **Variação na escrita do /r/ final: uma análise em textos escritos e dados orais de alunos do Ensino Fundamental I**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. Dissertação de Mestrado, 2019.
- MELO, M. & GOMES, C. Sobre variação, mudança e representação da coda (r) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. **Diadorim**, V. 20, n. 2, p. 169-190, 2018.
- MELLO, N. **A aprendizagem da escrita infantil em contexto de mudança linguística: a grafia do rótico em coda silábica final**. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 2024.
- MENDONÇA, C. **O mundo não gira, ele capotar: hipercorreção e variabilidade no uso da coda (R) ao final de verbos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 2011.
- MIRANDA, A. R. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: PINHO, S (Org.). **Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo: Unesp; 2009. p. 409-426.
- _____, A. R. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-40, 2020.
- MOLLICA, M. **Influência da fala na alfabetização**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2016.
- MONARETTO, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (Org.) **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro**. ed. 1. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2002, p. 253-268.
- OLIVEIRA, M. A. Reanálise de um problema de variação. **Português: Estudos Linguísticos**, Uberaba, n. 7, p. 23-51, (Série Estudos), 1983.
- _____, M. A. **A controvérsia neogramática reconsiderada**. Tradução do autor do original em inglês publicado em *International Journal of the Sociology of Language*, 89, p. 93-105, 1991.
- _____, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005.
- PACHALSKI, L. & MIRANDA, A. R. Conhecimento fonológico na aquisição da escrita: um estudo sobre os erros (orto)gráficos em textos de crianças do Ciclo de Alfabetização. **ReVEL**. vol. 17, n. 33, 2019. [www.revel.inf.br]
- PASSOS, L. **Trocas ortográficas na grafia da coda silábica simples por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. São José de Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Dissertação de Mestrado, 2011.
- SANTANA, M. **O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, 2017.

SERRA, C. & CALLOU, D. **A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades.** Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, APL, p. 585-594, 2013.

_____. Prosodic structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: Amedeo de Dominicis, (ed.). **pS-prominenceS: Prominences in Linguistics.** Proceedings of the International Conference. Department of Human Sciences and Tourism. University of Tuscia. Disucom Press, Viterbo, Italy, 2015.

_____. , KOROL, C. & Martins, L. Variação e mudança do rótico em coda final: A região Sul resiste (como pode?) In: J. E. Marins; M. T. Orsini & S. de O. Cavalcante (Orgs.), **Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe:** Uma homenagem a Maria Eugênia Lammoglia Duarte (p. 56-86). Pimenta Cultural. 2021.

TENANI, L. **Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper)segmentações de palavra.** São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Tese Livre-Docente, 2016.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. Título original: Empirical foundations for a theory of language change [1968].

XAVIER, K. **As múltiplas pronúncias do rótico na música popular brasileira do século XX: da vibrante à fricativa e ao apagamento.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), 2020.

Declaração de disponibilidade de acesso a dados

Não se aplica

Ilustrações para download:

Não se aplica

Contribuições dos Autores / ou Declaração de Autoria

Eu, Lucas Benamor Martins da Silva, declaro a autoria do artigo e, a seguir, saliento as contribuições dos coautores, professores doutores Carolina Ribeiro Serra e Marcelo Alexandre Lopes de Melo, que foram meus orientadores ao longo dos meus dois anos de Mestrado na UFRJ: a professora doutora Carolina Ribeiro Serra contribuiu diretamente para o andamento da pesquisa, por exemplo participando da análise dos dados, recomendando leituras essenciais de estudos antecedentes e auxiliando na revisão do texto; o professor Marcelo Alexandre Lopes de Melo, por sua vez, dentre outras contribuições, possibilitou o acesso aos participantes da pesquisa e me orientou no contato com os mesmos.

Conflito de interesse

Declaro a inexistência de qualquer tipo de conflito de interesse relacionado ao artigo.

Financiamento

Informo que, durante a condução da pesquisa, recebi bolsa de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Silva et al. | Os efeitos da mudança linguística no aprendizado da escrita por jovens e adultos: Uma análise da não grafia de <r> em final de palavra

Revista Diadorim | v.27, n.3, e68662, 2025